



os lugares comuns

INVENTÁRIO

DA ESTANTE FALSA

«**D**ISTRIBUÍDAS nas prateleiras, colecções do Esquire, do Match ou do Lui, álbuns de caça e uma pistola de pederneira. Acrescentem-se cachimbos, gravuras antigas (escunas enfunadas ou cavalos em competição) e uma pequena estante de lombadas a couro que serve de porta a uma frasqueira criteriosamente seleccionada...»

A receita deste motivo de decoração anda divulgada pelos interiores domésticos de uma burguesia cosmopolita e patenteia um mesmo humor intencional, seja aqui, ponta da Europa, seja nos países de lei seca e de protestantismo puritano: sob o

manto luxuoso da Cultura, a nudês secreta do vício. A estante falsa institui-se, pois,

Por JOSÉ CARDOSO PIRES

como um sacrário negro devidamente protegido pelas aparências da criação do espírito.

Sabemos, no entanto, que o mundo dos objectos fala. Que contém uma substância de expressão que a Semiologia esquematiza em funções-signo bem definidas e nas quais se condensam as relações (motivações) que determinam a sua aceitação, o seu consumo. Não há um objecto sem significado, diz Barthes; «para o descobrir seria necessário imaginar um utensílio inteiramente improvisado e alheio a qualquer modelo existente». E o livro-objecto não foge à regra. Em 1850 as galantes leitoras de Garrett salpicavam-lhe as páginas com suspiros de confiança e pétalas de violeta; as mesmas leitoras descobririam também que o livro, o volume em si, serviria de objecto-fetiche, adaptando-o a estajo de correspondência. Com

(Continua na 11.ª pág.)

LUGARES COMUNS

(Continuação da 1.ª pág.)

anos mais tarde, as falsificações que se lhe atribuem, como elemento decorativo, são outras. Menos requintadas, me-

nos pessoais. A estante falsa, por exemplo.

Há séculos que o cidadão de mentalidade medieval vem cultivando a imagem do elixir que corrompe sob as imunidades da obra-de-arte. Ele desconfia de que atrás da capa de um nome consagrado—Casanova, Restif de La Bretonne, Boccage ou Henry Miller—o que se «vende» é o escândalo; que o panfleto faz a aceitação de um Gorki ou de um Jean Genet de **Les Paravents** e o oportunismo do sensacional o interesse de uma Nathalie Sarraute ou de um Marc Saporta de **Les Invités**. Que, correndo as lombadas de prestígio, se nos abre o recanto do pecado. «Tens livros a mais» — observou um dia F... ao visitar um funcionário da sua empresa.

PERGUNTA-SE frequentemente se o livro (a Poesia e a Novelística) não é um luxo agonizante. Se, a um nível superior do símbolo da estante falsa, ele não se tornará cada vez mais um elemento decorativo da existência cultural do homem, uma vez que há outros meios de formação sempre mais rápidos e igualmente aliciantes. Ou ainda: em que medida a narrativa literária não vai sendo substituída pelo novo estilo das novas disciplinas científicas que,

dia a dia, vão **descrevendo** o indivíduo de maneira sistematizada e empolgante? A que ponto — pergunta-se — não será o livro de ficção um produto subsidiário numa Economia do futuro?

Tantos e tais sinais de transformação inquietam. Ajudam, é certo, à morte do Poeta e explicam o lugar marginal que ele ocupa nas sociedades fechadas; mas nas outras, nas mais dinâmicas, não nos enganemos: são poderosos impulsos para a Poesia. Na competição com os meios audiovisuais, com o magazine, o **digest**, os **comics** e o relato sociológico, a Novelística e a Poesia abandonaram as formas estáveis que tinham herdado da estável burguesia oitocentista. O conteúdo documental e a preocupação de inquérito regional do romance escoam-se para o mais remoto plano da sua infra-estrutura, em face da divulgação das ciências humanas, com toda a capacidade de observação e de sondagem científica de que estas dispõem. A linguagem da ficção adquire uma outra elasticidade, condensa, por exemplo, um clima de oralidade e

de associações «irracionais» que a sobrepõem ao imediatismo convencional dos outros tipos de comunicação escrita. Romance e anti-romance; teatro e antiteatro são rótulos sensacionalistas de uma crise promissora que provém do desajustamento do indivíduo às técnicas de consumo e de informação.

POR isto, porque estão integradas numa viragem transformadora e recebem dela os estímulos duma evolução, a Poesia e a Novelística não se encontram condenadas ao lugar secundário que lhes prevêem os cépticos apressados. Menos ainda a ornato luxuoso da cultura dos happy few ou, por extensão de imagem, a objecto a readaptar ao ambiente imediato do homem. A estante falsa, digamos. A propagação das colecções de bolso em todos os mercados demonstra que, em vez disso, o livro se democratiza a largas tiragens e a baixo preço, atingindo na computação industrial cifras impossíveis de prever há uma dezena de anos. A bolsa do livro que é a Feira de Frankfurt, os trusts editoriais que depois da guerra se associaram entre a Europa e a América e os mercados novos que desde então têm surgido, tudo isto alarga a expansão da Poesia e da Novelística, impodo-a como artigo de consumo infosismável.

O homem da estante falsa está, uma vez ainda, à margem das realidades. Terá um bom scotch na frasqueira?

JOSÉ CARDOSO PIRES

**ESPINGARDAS
EMPRESTA-SE
O MÁXIMO.**

Largo de Santa Bárbara, 13-r/c. Telef. 51789